



**O MUNDO VERÁ AS OBRAS**  
**HOMILIA NA ABERTURA DO ANO DA VIDA CONSAGRADA**  
02 Fevereiro 2015 – Igreja do Carmo – 18h30

O Concílio Vaticano II inaugurou novos horizontes ao propor que se redescobrisse o verdadeiro significado da Igreja. Os documentos conciliares indicaram bastantes imagens mas uma em particular, na Constituição Dogmática *Lumen gentium*, sobressaiu das demais. A Igreja é povo **escolhido**, chamado e formado por Deus e **convocado** para um projecto histórico de salvação da humanidade em torno da mesma fé. Esta Igreja é uma comunidade baptismal, isto é, tem origem no único baptismo. Do baptismo nascem os carismas, a serem acolhidos graciosamente, e os ministérios diversificados, a serem exercidos em favor da Igreja e do diálogo construtivo e responsável com o mundo. Esta comunhão de carismas e de ministérios tem ainda no seu substrato uma dimensão pneumatológica, pela qual o Espírito Santo age sobre toda a comunidade, sempre em ordem à edificação do corpo de Cristo e daí a importância de os redescobrir.

Esta necessidade de os reinterpretar, situando-os na história concreta, é recordada pelos bispos portugueses na Nota Pastoral sobre o Ano da Vida Consagrada, onde se reforçam-se os objectivos delineados pela *Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica* a serem trabalhados durante este ano. Também eu os quero recordar e pedir que todas as comunidades religiosas, nas orientações das suas Congregações e em plena integração com a Arquidiocese, os assumam conscientemente a fim de que este Ano signifique algo de novo para todos.

“**Fazer memória agradecida do passado**” é o primeiro objectivo. São muitos os que abriram os caminhos para que estejamos hoje aqui. Pessoas simples, sem grande formação, trabalhadores incansáveis e silenciosos, verdadeiros testemunhos de fé comprometida com causas que honraram a Igreja.

O passado das Congregações deve ser alento e coragem; aí encontraremos vidas autênticas e verdadeiramente sacrificadas, que talvez envergonhem o nosso comodismo ou uma certa apatia se foram instalando. Regressar ao passado é colocar-se de joelhos e agradecer. Este exercício possibilitará que não se chore o presente mas que nos revistamos de verdadeiros compromissos de santidade.



“**Abraçar o futuro com esperança**” é proposta para o segundo objectivo. Muitas vezes o amanhã coloca-nos receios e deixamo-nos envolver por perguntas de quem está comprometido com uma causa falida. O pessimismo coloca-nos perante um precipício aniquilador. Não ignoramos a complexidade da situação actual mas o tesouro que levamos, em vaso frágil, já passou por situações mais alarmantes. O futuro expande-se graças à força do Espírito que deixamos agir e intervir na vida quotidiana. Aqui surgem novas perspectivas de encanto e de sedução. As Congregações terão futuro se não forem meras agências de serviços e se se deixarem impelir por um vento de grande esperança. Não podemos andar à deriva e deixarmo-nos contaminar pela pressão da mundanidade. Estamos no mundo, numa nova consciência salvadora, mas estamos para além da tirania das suas imposições. Deixemo-nos orientar por uma perspectiva de Reino de Deus que acontecerá.

Movidos por esta força da esperança, chegamos ao terceiro objectivo: “**Viver o presente com paixão**”. Estamos situados entre uma história grandiosa de santidade escondida e de serviços eloquentes à sociedade e um horizonte que permanentemente nos desafia. Sabemos, todavia, que a responsabilidade é interpretada no presente. Há vários modos de viver o quotidiano, mas apenas um é desejável: colocar paixão no que somos e no que fazemos. Não é com adormecimentos e resignação que avançamos. Só a paixão dá vitalidade ao carisma e mostra o seu valor. Com ela, os serviços à Igreja e à comunidade adquirem um sentido e valor que realiza e dá alegria a quem os efectua e que, em simultâneo, são semente de um mundo de maior fraternidade e justiça.

Dar paixão àquilo que se é e se faz tem um ambiente e uma finalidade. O ambiente é uma mais profunda integração na vida diocesana, algo que é decisivo para a missão. Nunca poderemos ser ilhas de um arquipélago. Somos comunhão articulada que testemunha, em primeiro lugar, a mesma comunhão e só depois o particular de cada carisma. A finalidade consiste em acolher o desafio do Papa, que nos convida a “levar a todos o abraço de Deus”. Isto exige que, como no passado, entremos na aventura de ir ao encontro das necessidades, nunca permitindo um afastamento insensato dos problemas hodiernos. Não podemos esquecer que a grande maioria das Congregações nasceram para assinalar a presença da Igreja no mundo do sofrimento. Hoje é imperioso mostrar a alegria de estar com e junto da vida real das pessoas. Só assim conheceremos o que inquieta e enferma a sociedade hodierna. Perto e junto do povo ouviremos os seus gritos e ganharemos coragem para tocar as misérias e chagas



humanas com a serenidade de quem, como Jesus, não envergonha de chorar com quem chora. Os problemas sociais são imensos e nunca se resolverão à distância e só uma Igreja apaixonada por todas as causas humanas terá credibilidade. Não temos discursos concorrentes com o facilitismo e relativismo moderno. Temos uma grande capacidade de amar como interpelação ao mundo moderno.

Volto ao início das minhas considerações. O Papa Francisco, na homilia do início do seu Pontificado, a 19 de Março de 2013, afirmava “Não esqueçamos que o verdadeiro poder é o serviço, e que também o Papa, para exercer o poder, deve entrar cada vez mais nesse serviço que tem o seu cume luminoso na cruz”. O nosso poder está aqui, isto é, no reconhecer que só o Espírito Santo conduz a Igreja à verdade total (Cf. Jo 16, 13). Que é Ele quem provê e dirige a Igreja com diversos dons hierárquicos e carismáticos, que a une na comunhão e no serviço para bem da humanidade. Sim. Diversos carismas e ministérios que nascem de uma única origem e fonte. Daí a responsabilidade de testemunhar permanentemente a comunhão no serviço.

É isto que espero deste Ano do Consagrado. Que cada carisma se rejuvenesça na fidelidade à sua origem, que enriqueça a comunhão Arquidiocesana e que testemunhe um serviço de proximidade com o mundo moderno em todas as suas vertentes, mas particularmente naqueles pormenores que desfiguram o rosto da sociedade, onde devemos reconhecer Cristo a exigir paixão na entrega aos mais fracos. Da minha parte, também vos testemunho a minha comunhão, disponibilizando-me para um encontro nas vossas comunidades, se assim o entenderdes. Aceitai a minha amizade e gratidão.

O caminho a percorrer poderá assemelhar-se a ser “um sinal de contradição” mas o mundo tem necessidade, qual velho Simeão sinal de uma Europa envelhecida e sem consistência nos seus programas, de ver a salvação através da luz que as obras manifestam. Só o silêncio das obras concretas manifesta a nossa importância e vitalidade. Que a Senhora das Candeias permita que o testemunho das nossas vidas e actividades resplandeça neste mundo sombrio.

+ Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*